

AUGUSTO COMTE REVISITADO: POSITIVISMO, TEORIA SOCIOLÓGICA E INTERVENÇÃO SOCIAL

AUGUSTE COMTE RECORDADO: POSITIVISMO, TEORÍA SOCIOLÓGICA E INTERVENCIÓN SOCIAL

AUGUSTE COMTE REVISITED: POSITIVISM, SOCIOLOGICAL THEORY AND SOCIAL INTERVENTION

Renato CANCIAN¹

RESUMO: Nas ciências sociais uma obra clássica é uma referência para as gerações futuras de especialistas que usufruem de suas contribuições teóricas, conceituais, analíticas e metodológicas no desenvolvimento de novas pesquisas e permanente aperfeiçoamento do conhecimento. Entre os clássicos da sociologia, em particular os teóricos da fase de surgimento desta ciência social, o pensamento sociológico de Augusto Comte é considerado de menor relevância comparado a Karl Marx, Emile Durkheim e Max Weber. Todavia, ao analisar a trajetória intelectual de Augusto Comte este artigo sustenta que suas teorias e análises foram fundamentais para a constituição e o desenvolvimento ulterior da sociologia.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência. Positivismo. Sociologia. Capitalismo. Conflito social.

RESUMEN: *Em las ciencias sociales una obra clásica es una referencia para las futuras generaciones de especialistas que se benefician de sus aportes teóricas, conceptuales, analíticas y metodológicas en el desarrollo de nuevas investigaciones y mejora del conocimiento. Entre los clásicos de la sociología, en particular los teóricos de la fase de surgimiento de esta ciencia social, el pensamiento sociológico de Auguste Comte tiene menos relevancia en comparación con Karl Marx, Emile Durkheim y Max Weber. Sin embargo, al analizar la trayectoria intelectual de Auguste Comte este artículo sostiene que sus teorías y análisis fueron fundamentales para la constitución y posterior desarrollo de la sociología.*

PALABRAS CLAVE: *Ciencia. Positivismo. Sociología. Capitalismo. Conflicto social.*

ABSTRACT: *In the social sciences, a classic work is a reference for future generations of specialists who enjoy from its theoretical, analytical and methodological contributions in the development of new research and permanent improvement of knowledge. Among the classics of sociology, in particular the theorists of the emergence phase of this social science, the sociological thought of Auguste Comte is considered of less relevance compared to Karl Marx, Emile Durkheim e Max Weber. However, when analyzing the intellectual trajectory of Auguste Comte, this article argues that his theories and analyses were fundamental for the constitution and further development of sociology.*

KEYWORDS: *Science. Positivism. Sociology. Capitalism. Social conflict.*

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), São Carlos – SP – Brasil. Doutorado em Ciências Sociais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1481-5449>. E-mail: rcancian@hotmail.com

Introdução

A sociologia pode ser concebida como um projeto científico da modernidade orientado para o estudo sistemático da vida social. A história de sua gênese recai sobre a obra de pensadores que criaram conceitos, métodos e teorias fornecendo as condições para que a sociologia se tornasse uma ciência genuinamente autônoma perante outras áreas do conhecimento científico. A proposta deste artigo é analisar a trajetória intelectual do filósofo e teórico social Augusto Comte que cunhou o termo “sociologia” e desenvolveu as primeiras teorias sociológicas consistentes alicerçadas na definição do objeto de pesquisa e em procedimentos metodológicos que permitiram analisar cientificamente a sociedade contemporânea de sua época. De modo geral, a referência ao pensamento sociológico clássico relega Augusto Comte a uma condição subalterna em relação a Karl Marx, Emile Durkheim e Max Weber, mas é importante destacar que Comte foi pioneiro na construção de um quadro teórico-conceitual e na realização de pesquisas sociais que favoreceram o reconhecimento, aceitação e prestígio da sociologia enquanto que sua vasta obra, composta de estudos filosóficos e sociológicos converteu-se em estímulo ao avanço do pensamento social além de forneceu inestimáveis contribuições ao desenvolvimento de novas teorias sociais.

O capitalismo industrial

O projeto científico que deu origem à sociologia não foi refratário às concepções filosóficas e ideais políticos de seus fundadores, visto que importantes eventos históricos que ocorreram ao longo do século 19 impactaram nos estudos que foram sendo elaborados, servindo como esteio para formulação de problemas de pesquisa além de influir no debate intelectual sobre o papel ou contribuição da ciência social nascente para a sociedade da época². Não há dúvida que a força motriz desses eventos é o desenvolvimento do capitalismo que se tornou o sistema econômico e social hegemônico soterrando, definitivamente, o antigo modo de produção feudal e a ordem social que o representava. A transição do feudalismo para o capitalismo foi um evento histórico de longa duração que atravessou séculos, mas seu desenvolvimento não foi simultâneo no âmbito do continente europeu, alguns países se adiantaram. A Inglaterra presenciou a ascensão da burguesia ao poder após a eclosão da

² Em realidade, o debate intelectual sobre a relevância da sociologia é parte constitutiva de seu desenvolvimento, abrangendo suas fases de fundação e consolidação com sua inserção no âmbito acadêmico e no sistema educacional como disciplina escolar. No Brasil, onde o ensino de sociologia tem uma trajetória histórica precária em razão da inconstância de sua presença na grade curricular da educação de nível básico, o debate sobre a importância desta disciplina permanece sendo tarefa imprescindível para o fortalecimento da identidade institucional e da carreira profissional dos sociólogos.

Revolução de 1640 que assegurou o pleno desenvolvimento do capitalismo naquele país insular; e foi também na Inglaterra que outro evento importante teve início a partir da segunda metade do século 18; a revolução industrial que associou trabalho e ciência deflagrando um boom de invenções e aperfeiçoamentos técnicos principalmente nos setores de metalurgia e mineração, motores a vapor e maquinário fabril, que resultaram numa expansão vertiginosa da produção industrial (IGLÉSIAS, 1986).

Enquanto a Inglaterra estava na vanguarda da modernidade alguns países do continente resistiam às mudanças; de modo geral desejavam desenvolver a indústria desde que não provocasse abalos na ordem social tradicional; o caso mais emblemático é da França que representava a mais poderosa monarquia absolutista do continente e um baluarte do Antigo Regime no Ocidente, porém em franca decadência no final do século 18. A Revolução Francesa deflagrada no ano de 1789 marcou a derrota da nobreza feudal naquele país, mas o domínio da burguesia tardou a se consolidar em razão da radicalização entre as facções políticas revolucionárias e o movimento de restauração. Mesmo os países que não enfrentaram guerras civis e revoluções não tiveram condições de impedir o avanço do sistema capitalista; nestes casos, porém, a transição ocorreu lentamente por meio de alianças entre estratos da burguesia comercial e industrial e as classes fundiárias ligadas organicamente à antiga ordem social; este tipo de transição conciliadora, também chamada de via conservadora, tornou possível acomodar os interesses divergentes das classes dirigentes e conduzir esses países à modernidade (MOORE, 1967).

Seja pela via revolucionária ou conservadora a transformação estrutural dos países de economias predominantemente agrárias em sociedades urbano industriais sob a égide do sistema capitalista abalou os ideais políticos-filosóficos basilares do projeto revolucionário burguês de coesão e harmonia social diante dos antagonismos sociais que se manifestaram em constantes crises e conflitos sociais cujas raízes radicavam na contradição envolvendo a relação capital-trabalho. As relações capitalistas de produção haviam penetrado no campo bem antes do desenvolvimento urbano industrial, mas ganhou forte impulso após o avanço do sistema fabril resultando em mudanças na estrutura fundiária e alterando de forma gradual o funcionamento das propriedades agrárias. Depois de adaptarem ao sistema capitalista e aos métodos empresariais a produção agrícola se tornou mais racional, ganhou em produtividade e em rentabilidade e passou a exigir menos mão de obra. O campo se submeteu aos interesses da cidade e pouco a pouco a produção agrícola, que era rudimentar e estava baseada no autoconsumo, se adequou às crescentes necessidades de consumo das populações urbanas provocando a diminuição drástica das lavouras de subsistência e das pequenas propriedades

agrícolas, desalojamento, expropriação e; por fim, a expulsão dos camponeses que tiveram como única alternativa migrarem para as cidades. O êxodo migratório provocou o crescimento populacional desordenado das cidades ocasionando fome, pobreza, delinquência e criminalidade fazendo com que as regiões urbanas densamente povoadas apresentassem um quadro permanente de tensões e conflitos sociais. A indústria era incapaz de absorver tanta mão de obra à disposição e aqueles que encontravam trabalho nas fábricas eram obrigados a enfrentar extenuantes e longas jornadas de trabalho, condições extremas de insalubridade e salários aviltantes. Orientado pelos princípios do liberalismo do *laissez-faire*³ o capitalismo revelava sua lógica excludente: neste sistema, os laços de servidão haviam desaparecido e o servo converteu-se num trabalhador legalmente livre, mas sua força de trabalho era considerada uma mercadoria e a classe trabalhadora, o operariado, vivenciava nas fábricas a fase de superexploração do capital que gerava condições desumanas de existência.

No ano de 1848 a Europa continental foi sacudida por uma onda de revolta dos trabalhadores que rapidamente ganhou força adquirindo um potencial político desestabilizador. Um renomado historiador do período denominou a fase de sublevação das massas oprimidas como a primavera dos povos; o ápice de um momento histórico marcante de protagonismo político da classe trabalhadora que lutou contra a opressão do capital (HOBSBAWM, 1982). Em poucos meses a revolta das classes trabalhadoras irradiou-se afetando tanto as regiões desenvolvidas como as atrasadas; embora tenha sido efêmera pela sua duração os trabalhadores organizados conseguiram derrubar vários governos locais até as revoltas serem sufocadas pela repressão estatal. No ano seguinte as lutas populares contra o sistema capitalista se esgotaram; em alguns países a ameaça de revolução proletária manteve-se viva por alguns anos; porém, no âmbito continental, sobretudo nas sociedades mais industrializadas, os movimentos dos trabalhadores organizados abandonaram o radicalismo. O capitalismo triunfou e a ameaça de revolução social desapareceu do cenário político após 1850.

Foi neste contexto histórico caracterizado por profundas transformações de escopo continental, descritas de forma sintética nos parágrafos precedentes, que se delinearão os eixos que orientaram os primeiros estudos científicos da sociedade. O primeiro eixo, sem dúvida o mais importante, está baseado nas mudanças sociais decorrentes da transição, consolidação e crise da sociedade capitalista e industrial que marcou a história do século 19. É um aspecto comum compartilhado pelos teóricos sociais da época o interesse por interpretar

³ Termo que significa “deixar fazer” e se refere à ideologia política do liberalismo que defende o princípio da livre concorrência e da não intervenção estatal.

globalmente aquele momento histórico tensionado pelas forças do progresso; de um lado, e pela violência e conflito social, de outro. O segundo eixo está baseado numa determinada concepção de conhecimento científico que norteou boa parte das pesquisas sociológicas, basicamente envolveu um esforço para determinar o objeto de estudo e também os métodos de investigação que seriam empregados pela nova ciência. O terceiro eixo sustenta o debate em torno das contribuições da sociologia à sociedade moderna e envolveu a discussão sobre o papel ou função que a nova ciência teria a desempenhar naquele mundo novo que despertava fascínio e perturbação.

A trajetória intelectual de Augusto Comte

Isidore Auguste Marie François Xavier Comte, conhecido como Auguste Comte, nasceu em Montpellier, França, em 19 de janeiro de 1798 e faleceu em 5 de setembro de 1857. Em 1814, aos 16 anos de idade, Augusto Comte ingressou na Escola Politécnica de Paris, antiga Escola Central de Obras Públicas; instituição educacional pública de grande prestígio fundada no ano de 1794 pelo governo revolucionário da época e dedicada à formação científica de excelência voltada para formação de quadros técnicos para atender a crescente demanda da administração pública e da indústria. Comte permaneceu dois anos na instituição e neste breve período desfrutou de um ambiente científico e intelectual estimulante que exerceu decisiva influência em sua formação e no seu trabalho intelectual. No convívio com cientistas e colegas da Politécnica cultivou enorme interesse pelas ciências naturais e pelas mudanças sociais que estavam ocorrendo em sua época e almejou estudar a sociedade para compreender os fenômenos e os problemas sociais, sobretudo no âmbito da sociedade francesa que atravessava um momento crítico de desordem e anarquia sociais após a eclosão da grande revolução.

Apesar de várias tentativas Comte não conseguiu obter uma cátedra por meio de concursos públicos, por isso levou uma vida de “*intelligentsia sans attaches*”⁴ enfrentando penúria e dificuldades materiais durante toda sua vida. Trabalhou por um breve período na Escola Politécnica como examinador de admissão e depois passou a ministrar aulas particulares, palestras e cursos oferecidos à comunidade como um meio de obter rendimentos financeiros além de retribuições por colaborar com jornais e doações de colaboradores; foi desse modo que conseguiu difundir suas ideias e elaborar seus estudos (TACUSSEL, 1999).

⁴ A expressão “*intelligentsia sans attaches*” significa intelectual independente e tem um sentido pejorativo ao indicar o intelectual que não tem condições materiais.

Suas obras têm amplitude enciclopédica sendo formado pelos seguintes estudos: “Plano de trabalho científico para reorganizar a sociedade”⁵, “Opúsculos de filosofia social”, “Curso de filosofia positiva”⁶, “Discurso sobre o espírito positivo”, “Discurso sobre o conjunto do positivismo”, “Catecismo positivista”⁷, “Sistema de política positiva”, “Apelo aos conservadores”, e “Síntese subjetiva”.

Positivismo e física social

As ideias centrais que forneceram a base para o pensamento sociológico de Augusto Comte são oriundas do contato com obras de intelectuais e cientistas abrangendo as áreas de política, economia, história, medicina, astronomia, biologia, física e matemática; alinhadas à tradição iluminista, movimento intelectual surgido no século 18 que exaltou e difundiu os princípios do racionalismo e a supremacia da ciência como base para o progresso da humanidade. O prestígio do racionalismo e do conhecimento científico foi tão dominante naquela época que subordinou o pensamento filosófico à ciência, a filosofia pura perdeu adeptos e importância ficando restrita a poucos e inexpressivos círculos acadêmicos e as únicas obras filosóficas que se tornaram influentes foram aquelas que estavam alicerçadas no conhecimento científico. Foi neste contexto intelectual que Comte desenvolveu um sistema filosófico chamado positivismo que, juntamente com o empirismo que se originou na Inglaterra por iniciativa do filósofo e economista britânico John Stuart Mill, formaram as correntes filosóficas dominantes na Europa Ocidental do século 19.

O positivismo tinha por objetivo estimular o progresso geral e universal da humanidade mediante intervenção em todas as esferas da vida social a partir de um projeto de gestão científica da sociedade, mas antes seria necessário criar uma ciência dedicada ao estudo da sociedade. Comte constatou que os ramos do conhecimento científico que constituíam as ciências da natureza haviam alcançado o estágio que ele conceituou de positivo, entretanto havia uma lacuna que deveria ser preenchida por uma nova ciência que se ocuparia do estudo da sociedade, essa ciência recebeu duas denominações: Sociologia e Física

⁵ Publicada na época em que Comte trabalhava como secretário do filósofo Claude-Henry Rouvroy, o conde Saint Simon. Por discordar da proposta de reforma social idealizada por Saint Simon Comte se afastou dele e reeditou a referida obra em 1824 com algumas mudanças e novo título: Sistema de Política Positiva.

⁶ Considerada a obra mais importante porque apresenta os fundamentos teórico-filosóficos do positivismo, foi publicada em seis volumes a partir de 1830.

⁷ Publicada em 1852, detalha os fundamentos do projeto de uma religião renovada sob os princípios da razão, como parte do projeto positivista de reconstrução do consenso coletivo para a consolidação da ordem social.

Social⁸. A física social se encarregaria do estudo dos fenômenos sociais adotando os mesmos procedimentos metodológicos das ciências naturais que estudam seus respectivos objetos de pesquisa com objetividade por meio da observação, experimentação e comparação para desvelar às leis gerais que governam tais fenômenos.

A objetividade é elemento central do debate intelectual da fase de constituição da sociologia porque tem relação com a questão da neutralidade científica. Comte receava que interferências de juízos de valor por parte daqueles que se dedicam ao estudo dos fenômenos sociais prejudicaria a cientificidade da pesquisa sociológica, ressaltou que as análises realizadas pelos diversos ramos do conhecimento científico que integram as ciências naturais não sofrem interferência da consciência e das convicções pessoais dos cientistas, pois as pesquisas no campo da física, da astronomia, da biologia, da química; entre outros, se baseiam na observação factual de fenômenos que existem independentemente de opiniões e julgamento de valor dos pesquisadores. Afirmou também que o pesquisador que estuda os fenômenos sociais não deve considerá-los como objetos de admiração ou crítica e deve afastar-se de qualquer noção absoluta de bem ou de mal. Comte considerava a sociologia uma ciência natural, então a tese da unidade analítica e metodológica tinha coerência; ele assimilou o paradigma científico predominante porque as ciências naturais estavam progredindo de tal maneira que seria inconcebível para um intelectual imerso naquela cultura científica propor a criação de uma ciência que desprezasse o esquema metodológico das ciências naturais, considerado o único método científico válido⁹ (COMTE, 1978, p. 73-103). A influência das ciências naturais sobre a sociologia não se restringiu à metodologia, o quadro conceitual que compõem os escritos filosóficos e teóricos de Comte está baseado num padrão de linguagem e no uso de vocábulos extraídos da física, química, biologia, astronomia; termos como dinâmica, estática, evolução, leis gerais, anatomia e fisiologia exemplificam a notável força e prestígio das ciências naturais.

Paradigma evolucionista e a lei dos três estados

No bojo das orientações filosóficas que nortearam o pensamento sociológico de Augusto Comte destacam-se as contribuições do filósofo e matemático francês Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat (1743-1794), conhecido como Marquês de Condorcet. Em sua

⁸ Comte deixou de usar o termo “física social” depois que tomou conhecimento que o estatístico belga, Adolphe Quételet fazia uso dele, embora com significado diferente.

⁹ O método histórico foi incorporado à sociologia porque determinados fenômenos sociais só podem ser devidamente estudados observando o movimento histórico das sociedades.

célebre obra “Esboço de um quadro histórico do espírito humano”, publicada postumamente em 1795, Condorcet explanou uma teoria do progresso da humanidade a partir de uma perspectiva evolucionista considerando três premissas fundamentais: a) o progresso decorria do aperfeiçoamento e acúmulo do conhecimento humano ao longo da história; b) o progresso é um fenômeno histórico linear, inexorável e espontâneo regido por leis da evolução; e por fim, c) o progresso é prenúncio de um futuro melhor. Comte aprofundou a análise dessas premissas na chamada Lei dos Três Estados ao elaborar uma tipologia das capacidades cognitivas do intelecto humano ao longo da história destacando três estágios sequenciais: teológico, metafísico e positivo (COMTE, 1830-42, p. 16-21).

O estágio teológico explica os fenômenos da realidade pelas ações de entidades místicas personificadas em seres e objetos da natureza e divindades para compreender as causas e finalidades dos fenômenos. O estágio metafísico explica os fenômenos da realidade pela ação de forças ocultas da natureza e entidades abstratas para compreender a essência intrínseca dos fenômenos. No estado positivo predomina a racionalidade e as análises dos fenômenos da realidade física ou social estão baseadas em observações, comparações e experimentos. O estado positivo reconhece que o conhecimento científico é incapaz de explicar as causas, as finalidades e a essência dos fenômenos estudados e como alternativa a essas restrições, consideradas intransponíveis, a ciência se limita a desvelar as leis subjacentes aos fenômenos para explicar como eles ocorrem e como se encadeiam uns aos outros. O estágio positivo é considerado a etapa superior da evolução do intelecto, da inteligência e do espírito humano.

Quadro 1 – Taxonomia da Lei dos Três Estados

Fases do pensamento	Formas distintas	Características básicas	Pensamento prevaLENcente	Domínio Intelectual	Estrutura Social	Base da integração social
Teológico [Fictício-Imaginativo]	Fetichismo	Fenômenos da realidade são explicados pela ação de seres personificados em objetos da natureza ou divindades religiosas.	Reivindica o conhecimento absoluto [essência e causa dos fenômenos]	Sacerdotes	Parentesco	Poder teocrático-militar coercitivo para manter a ordem social
	Politeísmo					
	Monoteísmo					
Metafísico [Abstrato-Argumentativo]		Fenômenos da realidade são explicados pela ação de forças		Filósofos	Sociedade	Autoridade civil e sistema jurídico para

		ocultas da natureza ou entidades abstratas.				as funções de controle social.
Positivo [Científico-Observacional]		Fenômenos da realidade física e social são explicados por meio da observação empírica e realização de experimentos.	Reivindica o conhecimento relativo [como os fenômenos ocorrem, suas leis uniformes, invariáveis, gerais e particulares]	Cientistas	Sociedade Industrial	Estado burocrático, autoridade civil e as leis regulam as relações sociais.

Fonte: Elaborado pelo autor

A lei dos três estados não se resume à classificação do conhecimento e descrição dos atributos da ciência moderna; é considerada a lei mais básica da organização das sociedades humanas e revela a correspondência intrínseca entre cada fase do conhecimento humano e os arranjos sociais que lhe são característicos; isto significa que cada fase evolutiva do intelecto humano se ajusta a um determinado tipo de organização social. Cada estágio evolutivo da sociedade cria condições para o próximo estágio, mas para que isso aconteça é necessário que cada estágio atinja seu pleno desenvolvimento; sendo assim, a evolução depende de um processo cumulativo; os três estágios sucessivos explicam as etapas naturais e tendências evolutivas da humanidade.

Os pressupostos teóricos da lei dos três estados forneceram amparo à concepção positivista de que a sociedade industrial e científica era consequência natural da evolução social e havia alcançado o primado do estágio positivo. O estágio positivo apareceu a cerca de dois séculos de modo incipiente e foi aperfeiçoando as ciências gradualmente, essas se tornaram positivas seguindo a sequência de uma ordem natural que dependeu da complexidade dos fenômenos estudados por cada ramo do conhecimento científico, partindo dos fenômenos mais simples para os fenômenos mais complexos (COMTE, 1978, p. 57-60); desse modo, a sociologia só teve condições de se constituir como ciência no século 19 em razão do aparecimento de um tipo novo e mais complexo de organização social¹⁰.

¹⁰ A evolução da inteligência humana é um processo cumulativo baseado no empenho permanente da mente em explicar os fenômenos da realidade. Quando aplicada a evolução do conhecimento científico está perspectiva teórica estabelece uma classificação entre os progressos alcançados a partir dos critérios de generalidade decrescente e complexidade crescente dos fenômenos observados. As ciências inorgânicas, como a astronomia, física e química, atingiram o estágio positivo primeiro e só então as ciências orgânicas puderam se tornar positivas, primeiramente a biologia e depois a fisiologia, porque os fenômenos orgânicos são considerados mais complexos que os inorgânicos. Essa tese sustenta que a sociologia surgiu por último porque os fenômenos sociais são mais complexos para serem analisados.

Estática e dinâmica Social

A teoria sociológica desenvolvida por Augusto Comte tinha como foco de análise as leis gerais que regem os fenômenos sociais e esses fenômenos foram classificados com base em suas funções sociais de maneira que puderam ser agrupados em duas categorias básicas: estática social e dinâmica social (COMTE, 1978, p. 104-140). A estática e a dinâmica representavam as forças sociais que asseguram a existência da sociedade fornecendo estabilidade ao conjunto das relações sociais e estimulam a transformação evolutiva da organização social. A estática espelha a ordem social e é comandada pelas leis da coexistência, a dinâmica representa o progresso e é comandada pelas leis da sucessão. A estática social mantém a sociedade íntegra e coesa ao fornecer a base de sustentação para a sociabilidade e a reprodução das relações sociais, isso ocorre pela existência das instituições tais como a família, as leis, os costumes, a atividade econômica, o governo. As forças da estática social são subjetivas e cristalizam-se nos laços morais, nos sentimentos de solidariedade e cooperação e nas crenças compartilhadas formando um consenso coletivo. A maior diferenciação interna de uma organização social implica num crescente aumento das instituições sociais; por conseguinte, maiores serão também os desafios concernentes à integração, pois o enfraquecimento do senso de interdependência funcional e da visão de conjunto pode provocar afrouxamento dos laços e vínculos morais comprometendo o que Comte chama de espírito agregado ou geral¹¹.

A dinâmica social, por outro lado, se dedica a análise da transformação evolutiva da sociedade; ou seja, é o estudo das leis que regem a transição entre as etapas evolutivas. Para desvelar e compreender essas leis Comte empregou o método histórico e acompanhou o movimento das sociedades observando as tendências de mudanças e transformações sociais operadas num determinado período. Conforme estabelecido pela lei dos três estados a evolução da sociedade foi considerada um processo espontâneo e inevitável que se realizaria por si mesmo; porém, o estudo da dinâmica social não é capaz de explicar a força ou impulso inicial que desencadearia mudanças e a transformação evolutiva da sociedade. Comte apresenta uma hipótese associada com o surgimento de contradições sociais envolvendo divergências de pensamento, de ideias e de valores básicos que acabariam por abalar o consenso coletivo e a própria unidade orgânica da sociedade. Então, o fator principal da desagregação social estaria relacionado com as divergências de pensamentos que abalariam a

¹¹ Comte sustentou a tese de que um sistema social que é incapaz de realizar as tarefas essenciais de integração entre as partes componentes que formam a estrutura da sociedade se torna suscetível ao surgimento de estados patológicos de crises que podem ameaçar à estabilidade da ordem social.

unidade da sociedade. Embora essa hipótese tenha contribuído para a compreensão das mudanças sociais não foi suficiente para a formulação de uma teoria sociológica geral da revolução; ainda assim a teoria da dinâmica social lançou luz sobre os processos de transição da ordem social que acabaria se convertendo num importante objeto de estudo para a sociologia (TARDEL, 1990).

Sociologia e intervenção social

À medida que o século 19 avança cresce a inquietude da intelectualidade europeia diante da conjuntura de crise e conflitos societários que afetavam os países que estavam se modernizando e para os adeptos do positivismo essa situação precisava ser compreendida sociologicamente, pois se o progresso era prenúncio inequívoco de um futuro melhor as crises pareciam contrariar essa previdência. No âmbito da sociedade industrial a ciência tinha adquirido a capacidade de fomentar o desenvolvimento e o progresso porque os avanços tecnológicos estavam sendo aplicados a todas as áreas de atividade laboral; essa concepção pragmática de ciência pressupunha uma articulação entre teoria e prática; desse modo, é perfeitamente compreensível que a sociologia não deveria ser uma ciência puramente analítica guiada pela curiosidade de compreender os fenômenos sociais limitando-se ao acúmulo indefinido de conhecimento teórico; sua tarefa era colaborar com o aperfeiçoamento da sociedade industrial e científica por meio de reformas sociais capazes de abreviar a crise e pacificar a sociedade; nas palavras de Comte “era necessário conhecer para agir; compreender para reorganizar” (COMTE, 1978, p. 64).

A ideia de intervenção social preconizada por Comte não é originalidade do seu pensamento sociológico porque naquele contexto histórico outros pensadores sociais tinham a mesma intenção, a diferença fundamental é que o projeto positivista de reorganização da sociedade tinha bases científicas e envolvia um amplo conjunto de reformas sociais. A França foi colocada no centro das preocupações dos positivistas porque a crise daquela sociedade foi considerada patológica e de longa duração em decorrência da continuidade dos conflitos societários que prejudicavam os esforços de consolidação do novo sistema social. Comte afirmou que havia uma situação estacionária de desgoverno (COMTE, 1844, p. 168) e fez uma distinção entre “direção crítica” e “direção orgânica” da sociedade, a primeira seria a tendência da formação de oposições políticas hostis que confrontaria de forma direta e permanentemente à nova ordem social e o governo estabelecido; a segunda seria a ação direcionada à reorganização da sociedade visando o pleno estabelecimento da ordem

positivista (COMTE, 1978, p. 63). Na obra intitulada *Apelo aos Conservadores*, publicada no ano de 1855, Comte observa que a direção orgânica da sociedade francesa poderia ser viabilizada se o partido governista¹² firmasse uma aliança política com os partidos moderados de esquerda e de direita em prol de um pacto político de desenvolvimento da nação; entretanto, a necessidade de reorganização da sociedade francesa ia muito além dessa tarefa. A crise tinha dimensões mais amplas, pois era consequência de um processo de transição incompleta com prevalência de um período de desorganização-reorganização que Comte previu que seria momentâneo porque as antigas instituições sociais que mantinham a coesão social tinham desaparecido e novas instituições sociais ainda não haviam surgido para substituí-las; com base neste diagnóstico o projeto de reorganização social tinha por objetivo acelerar a transição para o mundo moderno a fim de consolidar a nova organização social.

Era uma tarefa ambiciosa, mas antes de concretizá-la os positivistas precisaram enfrentar os desafios teóricos impostos pelas correntes ideológicas que viam na ruptura da ordem social burguesa a solução para crise geral da sociedade capitalista e industrial. Naquele contexto o núcleo do conflito político-ideológico gravitava em torno da atividade da indústria capitalista que havia modificado substancialmente às formas da organização produtiva do trabalho por meio do uso intensivo do conhecimento técnico-científico fazendo com que a produção industrial gerasse enormes excedentes que contribuíram para o crescimento da riqueza material das sociedades europeias; entretanto, as contradições relacionadas à produção dessa riqueza e sua distribuição tornaram essas sociedades extremamente conflitivas (FORTE, 2008).

Na França as lutas políticas-ideológicas eram mais intensas e envolviam três forças políticas divergentes: os radicais de esquerda, os conservadores de direita e os liberais. Os conservadores de direita eram retrógrados, representavam o antigo regime e a sociedade organizada sobre os princípios hierárquicos dos estamentos e das tradições pré-1789; estavam em franco declínio, pois o pensamento teológico e as formas de organizações sociais alicerçadas na ordem feudal e no regime monárquico haviam sido solapados pela grande revolução; no entanto, os grupos remanescentes resistiam à nascente sociedade industrial. Comte considerou nula a possibilidade de um retorno ao passado conforme preconizava os retrógrados já que esse objetivo contrariava a tendência evolutiva da sociedade científico-industrial em curso; sendo assim essa alternativa política era inviável; entretanto, ele

¹² Comte considerava todo e qualquer governo como conservador pelo fato de todos os grupos políticos que conquistam o poder do Estado se tornam defensores do status quo; neste sentido, o título de referida obra refere-se ao partido político governista.

reconhece que os intelectuais alinhados a essa corrente ideológica tinham razão ao afirmarem que o rápido avanço da secularização destruiu importantes instituições sociais que davam suporte à ordem e coesão social fazendo com que a sociedade moderna se tornasse mais propensa à instabilidade política e anomia social. A crítica contra a modernidade tinha estreita relação com a teoria da estática social e colocou em relevo a problemática da integração social diante das dificuldades de adaptação e ajustamento dos indivíduos à nova ordem social e os elementos que davam suporte básico à vida coletiva e algum sentido à existência humana em sociedade, como a moral e a religião sobre as quais se assentavam a hierarquia, a solidariedade e o consenso social nas organizações sociais que precederam à sociedade industrial.

Os positivistas dispunham de solução para o problema da ausência de unidade moral e consenso coletivo e a resposta incluía uma reforma intelectual capaz de modificar crenças e mentalidades. Dessa engenharia social se baseiam as interpretações de que Comte foi um intelectual progressista-conservador, admirador do progresso social científico-industrial e simpático à coesão social orgânica característica das sociedades medievais. Contudo, Comte jamais propôs a reabilitação das antigas instituições sociais medievais para edificar uma ordem social simbiótica articulando o moderno e o arcaico; pois ele compreendia que essa solução seria inviável no contexto da modernidade porque o predomínio do pensamento racional tendia a destruir as formas metafísicas e teológicas de estruturação do consenso coletivo; como alternativa propôs o estabelecimento de uma moral e de uma religião universais, apoiadas na ciência e capazes de se sobreporem aos particularismos éticos e morais onde se enraizavam os conflitos político-ideológicos e a anarquia intelectual.

Os radicais de esquerda eram adeptos do socialismo, sustentavam a tese de que a economia capitalista era baseada na lógica da obtenção do lucro e acumulação permanentes da riqueza por parte dos proprietários dos meios de produção mediante exploração crescente dos trabalhadores assalariados; avaliaram que o sistema capitalista era gerador de pobreza e desigualdades sociais mesmo sendo capaz de produzir abundância material em níveis jamais vistos na história da humanidade; viam a conciliação de interesses entre os trabalhadores e os industriais como algo improvável e a abolição da propriedade privada e das diferenças de classes como único caminho para a construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa. Comte se opôs categoricamente as ideologias que estes grupos defendiam considerando-as utópicas e irrealizáveis porque contrariavam as leis naturais que governam a evolução social. Com relação à propriedade privada dos meios de produção, Comte ressaltou que o acúmulo de capitais e sua capacidade de gerar excedentes tornaram possível a existência e o

desenvolvimento da civilização material beneficiando toda coletividade de modo que às gerações futuras puderam usufruir de uma base material sem necessidade de um constante recomeço. Não obstante, assinalou que a riqueza concentrada sob a forma de capitais ou propriedade não poderia ser irrestrita havendo necessidades de limites socialmente estabelecidos pelo fato dessa riqueza ser produto de esforços coletivos; portanto, seu uso deveria ter um sentido social (TARDEL, 1990).

Os liberais, ao contrário dos radicais e conservadores, eram situacionistas e se alinhavam à defesa do status quo e da ordem burguesa, defendiam a inviolabilidade da propriedade privada dos meios de produção e a liberdade irrestrita dos agentes econômicos como *modus operandi* das atividades produtivas industriais e comerciais, sustentavam a tese de que a geração de riqueza dependia essencialmente das forças de mercado baseadas na livre concorrência entre os produtores e comerciantes e na obtenção do lucro como incentivo fundamental à atividade empreendedora; princípios que foram unificados na doutrina do liberalismo econômico e nas teses hegemônicas da economia política. Comte aceitou alguns aspectos da doutrina do liberalismo econômico por considerá-los essenciais à atividade industrial, mas acreditava que racionalidade econômica subjacente às relações de produção e reprodução do capital era resultado de um desvirtuamento moral do sistema econômico e como solução propunha a edificação de uma moral humanista que aboliria os conflitos e egoísmos de classe.

Considerações finais

A constituição da sociologia foi influenciada pelo processo histórico mais amplo de transição para o mundo moderno com o desenvolvimento da sociedade industrial capitalista. As primeiras décadas do século 19 na Europa foram marcadas por crises sociais, instabilidade política e ameaças de revolução; fenômenos que influíram no debate intelectual estimulando a elaboração das primeiras teorias sociais. Augusto Comte dedicou sua vida ao trabalho intelectual e concretizou o ideal de ser um pensador e reformador social unindo teoria e prática de modo que seus estudos sociológicos serviram de orientação geral para um projeto político-ideológico de reorganização da sociedade. A problemática da moralidade percorre o pensamento sociológico de Augusto Comte de modo que o progresso social dependia da execução de um projeto de reorganização da sociedade que tinha como elemento basilar a edificação de novos valores morais e de uma religião positiva que substituiria Deus pela noção de humanidade e serviria para fomentar sentimentos de fraternidade e compreensão

entre os homens. Comte constatou que no âmbito da sociedade moderna, acentuadamente racional e secular, o respeito às normas de convivência e adesão aos preceitos e valores morais compartilhados dependeriam de mecanismos institucionais de socialização capazes de reorganizar crenças e costumes e transmitir novos valores; daí sua confiança em ações pedagógicas como instrumentos de conscientização dos indivíduos. Ele criou associações de adesão voluntária que oferecia cursos livres para instrução popular visando à mudança de mentalidades; e os adeptos do positivismo seguiram o mesmo caminho fundando associações similares em vários países ocidentais sob a denominação de “sociedades positivistas” com a finalidade de divulgar aos povos a filosofia positivista e as propostas de reforma e reorganização social.

As teorias sociais em geral possuem limitações e fragilidades, mas essas deficiências se convertem em estímulo para aperfeiçoamento contínuo do conhecimento sociológico. Na fase de constituição da sociologia não havia conhecimento teórico acumulado, conseqüentemente as primeiras análises da sociedade e dos fenômenos sociais foram mais suscetíveis a inconsistências. Talvez um dos aspectos mais desconcertante da teoria social de Augusto Comte tenha relação com sua concepção de objetividade do conhecimento sociológico que, por estar alicerçada nas ciências naturais, resultou numa noção precária de neutralidade ideológica; sobretudo em torno das formulações teóricas sobre a ordem e o progresso, elementos centrais da filosofia positivista e base do projeto político de reorganização da sociedade. Para os positivistas ordem e progresso precisavam se conciliar para que a sociedade moderna alcançasse a harmonia e a estabilidade; a ordem social repousa na existência de um consenso coletivo que se manifesta na aceitação de certas normas de caráter geral sem as quais a sociedade não pode existir; o progresso é o aperfeiçoamento da ordem. Tal pressuposto foi objeto de muitas críticas por ser ambivalente e teleológico e por ter servido como justificativa à concepção positivista da necessidade de conformidade e consenso por considerar qualquer forma de conflito social um fenômeno deletério à sociedade.

REFERÊNCIAS

ARON, R. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COMTE, A. *In*: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FORTE, M. A. Comte: La utopia del orden. **Revista Conflito Social**, Buenos Aires, v. 1 n. 00, p. 7-23, nov. 2008.

HOBBSAWM, E. **A Era do Capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

IGLÉSIAS, F. **A revolução industrial**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MOORE, B. **As origens sociais da ditadura e da democracia**: senhores e camponeses na construção do mundo moderno. Lisboa: Edições Cosmos, 1967.

TACUSSEL, P. Augusto Comte: a obra vivida. **Revista Logos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 16-21, nov. 1999.

TARDEL, M. I. Recordando a Comte. **Revista de Sociologia**, Santiago de Chile, n. 5, p. 9-18, jan. 1990.

TORRES, M. A. El orden social in el pensamiento de Comte. **Em Tese**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 259-279, jul./dez. 2020.

VEGA, M. L. La filosofía política de Comte y su proyecto social. **Ideas y Valores**, Bogota, v. 40, n. 85, p. 71-90, ago. 1991.

Como referenciar este artigo

CANCIAN, R. Augusto Comte revisitado: positivismo, teoria sociológica e intervenção social. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 10, n. 00, e021015, jan./dez. 2021. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v10i00.15744>

Submetido em: 27/09/2021

Revisões requeridas: 20/10/11

Aprovado em: 18/11/2021

Publicado em: 29/12/2021